

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

MIKHAIL BAKHTIN E O CÍRCULO E MARTIN HEIDEGGER: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA DA LINGUAGEM, DO SUJEITO E DA EPISTEME OCIDENTAL

Angela Maria Rubel FANINI*
(Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR)
rubel@utfpr.edu.br

RESUMO: Esta investigação verifica a convergência entre Bakhtin (1895-1975) e o Círculo e Heidegger (1889-1976) no que concerne ao sujeito, ao objeto e à linguagem. Para Bakhtin e o Círculo, essas questões se instituem nas relações sociais entre os sujeitos concretos. Advogam uma epistemologia e uma ética afastadas das explicações ora centradas no indivíduo, ora referenciadas no sistema que se impõe a este. Heidegger também se contrapõe a uma tradição do pensamento racional que se impõe ao sujeito. Em virtude da complexidade dos conceitos mobilizados, não se pretende chegar a conclusões, mas refletir sobre essas categorias como forma de aproximação entre os pensadores.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade; dialogismo; *aletheia*; Mikhail Bahktin; Martin Heidegger.

ABSTRACT: *This study verifies similarities between Bakhtin (1895-1975) and his circle and Heidegger (1889-1976), considering subject, language and object, For Bakhtin and the circle, these issues are embodied through social interaction. The Russian theoretician advocates an epistemological and ethical view which stands away from explanations that are either centered on the individual or referred to a system that stands above the individual. Heidegger also counteracts a traditional thinking that relies on a rational system that dominates the subject. Due to the complexity of the issues, this study does not aim to get to precise conclusions, but to present a possible approach between the two thinkers.*

KEYWORDS: *Otherness; Dialogism; Aletheia; Mikhail Bahktin; Martin Heidegger.*

* Esta investigação recebe apoio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, CNPq.

Esta investigação visa levantar alguns pontos em comum entre o pensamento de Martin Heidegger (1889-1976) e de Mikhail Bakhtin (1895-1975) e do Círculo. Em virtude da complexidade de tal objetivo, salientamos que estas elucubrações não visam concretizar um texto fechado e conclusivo sobre o tema. As indagações aqui alocadas encontram-se em nível de discussão e problematização no Grupo de pesquisa "Discursos sobre trabalho, tecnologia e identidades" e no "Grupo de Estudos Bakhtinianos". Temos estudado há alguns anos tanto obras referentes a Bakhtin e o Círculo¹ quanto obras de Heidegger e tentando aproximar alguns pontos comuns no que tange à questão do sujeito, do objeto e da linguagem na tradição epistemológica ocidental que esses autores mobilizam. Devido à extensão e complexidade dos temas é impossível se chegar a conclusões fechadas. O máximo que se consegue são reflexões sobre tal trajetória do pensamento desses autores. Essa aproximação, no entanto, justifica-se por um objetivo mais pragmático que consiste em levar essa reflexão para a vida cotidiana dos envolvidos na pesquisa tanto em suas ações dentro da academia e das escolas em que lecionamos quanto fora dela, pois não vemos sentido em uma pesquisa que não alie vida e trabalho, teoria e prática. Nesse passo, as reflexões adquirem um valor político e ético para a vida concreta e não se limitam a uma ordem do discurso acadêmico e também não pretendem atingir uma precisão e um rigor científicos. Se objetivassem atingir tal acurácia estariam, com certeza, indo de encontro às ideias expostas tanto em relação à obra do Círculo quanto a de Heidegger que problematizam a linguagem técnica, correta e definitiva sobre o mundo.

Heidegger é um filósofo alemão do século XX que discute, sobretudo, a questão da técnica moderna. Provavelmente, essa discussão tenha também a ver com o local geográfico e o tempo em que

¹ Algumas obras de Mikhail Bakhtin e do Círculo têm passado por um processo de disputa de autoria. Não vamos aqui discutir tal questão, pois não é nosso foco de análise. Entretanto, a título de esclarecimento, convém se destacar que a concepção dialógica de linguagem, de cultura, de história e de ação humana perpassa tanto os livros atribuídos somente a Mikhail Bakhtin quanto os livros atribuídos a Valentim Voloshinov e Panvel Medvedev. A categoria dialogismo é fundante para esses autores que compõem o Círculo de estudos da linguagem. Nessa concepção, em que se entende a linguagem em sua essência dialógica, a questão da autoria individual deve ser bastante relativizada visto que a palavra é sempre intersubjetiva, obtendo valor e significado no campo discursivo ativo da comunicação intersubjetiva. Nesse passo, cabe destacar que a ênfase na autoria individual pode contraditar o pensamento dialógico do Círculo. Como esta questão é fonte de disputa discursiva, não vamos especificar autorias, mas entender a obra de Bakhtin e do Círculo como uma produção coletiva visto o projeto emancipatório que advoga.

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

escreve. A problematização da técnica moderna está inserida também em um determinado cronotopo, ou seja, no século XX e na Alemanha. Entretanto, para responder a esse cronotopo imediato, o pensador aciona um saber e uma prática humanos que remontam aos antigos gregos. Sua obra responde ao seu tempo, mas também mobiliza uma temporalidade maior. Aqui já percebemos um diálogo possível entre os autores em tela. Para Bakhtin, as enunciações são uma resposta ao seu tempo, acionando também contextos de longa duração. Movimentam-se para o já dito, antecipando também réplicas futuras. A obra heideggeriana também se volta para o futuro à medida que se preocupa com o destino humano e visa fornecer uma possível saída para o fechamento em que se encontram os seus contemporâneos. Também aqui se aproximam os pensadores uma vez que Bakhtin escreve como resposta a uma situação de extremo autoritarismo stalinista e sua obra se preocupa em encontrar uma saída para o enclausuramento em que vivem os homens em período tão funesto da História.

O pensador alemão faz uma diferença entre a técnica antiga e a técnica moderna (2010). Ambas *desocultam* o ser das coisas, ambas são um envio para o homem, ambas tornam o homem também criador de coisas. São também uma revolta do homem contra a *Diké*, reino da *Physis* que subjuga o homem. A técnica antiga, no entanto, é também *Poiesis* no sentido de desvelar as coisas, tornando-as vizinhas, familiares ao homem que não visa apenas transformá-las em objetos manipuláveis. Um exemplo clássico dado pelo pensador alemão que pode diferenciar as técnicas é o caso da construção da ponte sobre um rio em que o rio lá permanece, não sendo dominado e de uma usina hidrelétrica em que o rio é submetido a ela, alterando-se o seu curso. A técnica deveria colocar o homem no centro da criação, tornando-o obreiro das coisas também, mas o obreiro que respeita, zela, avizinha-se, familiariza-se. No entanto, leva o homem a ser tão violento como a *Diké*, dominando, violentando o mundo à sua volta. Em vez de haver uma eterna luta, mas no sentido de um bom combate entre a terra, domínio do humano e o mundo, sob a hegemonia da *Physis*, ou seja, entre o homem e a *Physis*, há um gosto pelo controle, há uma determinabilidade do violento em que o homem passa a se instituir. Não há uma eterna luta entre a terra e o mundo, mas uma violência que prepondera daquela sobre este. Heidegger é pessimista em relação à técnica moderna, sobretudo a que se desenvolve de 200 anos para cá, inclusive em entrevista, afirmando que dela "já apenas um Deus pode nos salvar". Muitas são as referências à energia nuclear e à bomba atômica em sua obra, demonstrando claramente que seu pensamento também se frutifica, ancorando-se em seu tempo e espaço históricos como já afirmado. Heidegger vincula a técnica moderna a uma

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

linguagem técnica que estaria a se tornar hegemônica na modernidade. O filósofo é pessimista em relação à técnica moderna e a vê responsável por um estreitamento de horizontes para o ser humano. Vincula ainda a questão da técnica moderna e da linguagem técnica ao pensamento metafísico ocidental que desde a antiguidade grega até a modernidade tem se fortalecido. Para ele, esse pensamento metafísico ocidental promove o homem a um sujeito cognoscente que a partir de uma racionalidade de cálculo percebe o que está fora de si de forma objetificante. Nessa perspectiva, o homem surge como sujeito que submete tudo e todos à condição de objeto conhecível, nomeável, definível e conseqüentemente que pode ser dominado. Nesse processo, o próprio homem é desvendado pela técnica moderna como objeto. O homem, de sujeito passa a objeto, caindo em uma armadilha do próprio pensamento técnico e linguagem técnica que o dominam. O homem já não é mais senhor da técnica e da linguagem, mas seu vassalo. Nisso reside o esquecimento do ser e a morte do homem como ser pensante e de linguagem. A *Physis* é violenta, mas para se livrar dessa violência, o homem pela técnica também se torna violento, sobretudo pela técnica moderna cujo poder de transformação é maior.

Nessa linha, tanto me relaciono comigo quanto com o outro a partir de uma perspectiva objetificante. Essa perspectiva de se relacionar com o outro é unidimensional, é monológica e redutora. O outro passa a ser conhecido, dominado, neutralizando-se a sua diferença, a sua alteridade. Tudo se pode conhecer, tudo se pode dominar pelo pensar técnico e pela linguagem técnica, objetiva, clara, precisa. Essa percepção da natureza, do homem e dos animais se exacerba com a modernidade em que a partir de uma visão científica e racional do mundo, o paradigma de Francis Bacon, o homem se destaca dos outros seres como o ser que os domina a partir de um pensar calculístico que opera por intermédio de mensurações, padronizações, generalizações. Essa visão racional e calculística impera na sociedade moderna e contemporânea ao pensador e é responsável por colocar tudo à disposição da produção material da sociedade. Tudo vira um recurso para o homem produzir mais e mais. Nessa perspectiva não há lugar para um pensar reflexivo e para uma linguagem que não seja ela também técnica e objetificante. Heidegger vê a linguagem técnica como uma violência às coisas, pois só desvela e desvela as coisas de um modo unidimensional, representando-as como objetos dominados e definidos. Longe se está de deixar com que o outro se apresente e com ele dialogar, respeitando-o. Nessa perspectiva, falo sobre o outro, mas nunca com o outro. Essa perspectiva sobre a linguagem técnica que está a serviço da técnica moderna que a tudo desoculta como recurso dominável, pode ser aproximada, em certa medida, da dimensão de

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Bakhtin e do Círculo, quando na obra dos pensadores russos, levanta-se a questão sobre linguagem, sujeito e objeto, sobretudo a partir da crítica ao idealismo subjetivista e ao objetivismo abstrato (1986), dois modos bastante relevantes na tradição ocidental de perceber a relação entre essas três esferas. O Círculo opõe-se ao idealismo subjetivista, vinculado sobremaneira à ideologia iluminista e liberal que destaca o sujeito como fundante de sua fala, escrita, escala de valores, visão de mundo, ética, enfatizando uma perspectiva relativista. Também se contrapõe ao objetivismo abstrato que aposta na força dos sistemas culturais, lógicos, formais, linguísticos e éticos que se impõem sobre os sujeitos, submetendo-os. Aqui, há uma aproximação muito grande com Heidegger à medida que o Círculo se opõe a uma visão de linguagem objetiva, clara que a tudo define e nomeia de modo definitivo, justificando-se na leitura, na análise, na tradução e na interpretação corretas. Para Bakhtin e o Círculo, essas forças centrípetas que estabilizam, centralizam e tendem à objetividade na linguagem são sempre enfraquecidas pelas forças centrífugas resultantes de conflitos e dimensões axiológicas contraditórias. Percebemos que ambos os pensadores não acreditam em uma linguagem que domina o objeto a partir de um método correto e lógico.

Para o Círculo, os valores culturais, a linguagem, a perspectiva ética e política são construções dinâmicas dadas nas inter-relações entre os sujeitos concretos. Não há uma polarização entre o sujeito e o sistema. Os homens, em dadas condições sociais concretas, mobilizam os sistemas já existentes, deslocando-os conforme as circunstâncias em que se acham inseridos. A dimensão intersubjetiva neutraliza essa polarização. O sujeito surge, e é, em parte, fonte de seu dizer, mas também adquire essa subjetividade à medida que se encontra e desencontra com o outro, ou seja, passa a existir em contato com o outro, mas sem deixar de ser diferente do outro. Essa relação com o outro é sempre dialógica, ou seja, ocorre sempre a partir de uma dupla orientação, em que tanto um quanto o outro se encontram e se desencontram. Nesse sentido, Heidegger e o Círculo também se aproximam visto que para ambos a perspectiva polarizada ora no sujeito isolado, ora no sistema, leva necessariamente a uma redução da dimensão humana. Heidegger destaca a importância do outro, da apresentação desse outro e não de sua representação objetificante dada por um sujeito racional munido de um método lógico capaz de apropriar-se desse outro de modo definitivo.

Nesse momento, adentramos a concepção de *aletheia* que Heidegger extrai de um fragmento do pensador grego Heráclito (2010). A *aletheia* contrapõe a apresentação da coisa à representação da coisa.

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

O pensador alemão critica o pensamento ocidental por ter se esforçado por representar o mundo sem deixá-lo se apresentar em um movimento ao mesmo tempo de velamento e de desvelamento. Nessa perspectiva, o desvelar do outro não depende somente de mim, mas também do outro. Nesse sentido, podemos aproximar essa relação dual da categoria do dialogismo em que há sempre dois campos de força se enfrentando. No pensar e linguagem técnicas tenho a representação objetiva do outro; já em um pensar reflexivo em uma linguagem reflexiva e poética (aqui Heidegger não se refere ao gênero poesia e sim a uma linguagem não representacional), há a possibilidade desse outro emergir como outro e como ser e não como objeto. Assim, a linguagem não é só um domínio sobre o objeto, sobre o mundo, mas um avizinhar-se, um familiarizar-se com ele, não o subjugando. Heidegger e o Círculo se aproximam à medida que o sujeito nunca chega ao objeto a partir de uma linguagem objetiva, denominando-o plenamente, mas o faz a partir de um processo tenso, complicado, dinâmico que não garante uma objetivação e uma precisão. Para o Círculo, só Adão mítico nomeou as coisas de modo originário sem a interferência das vozes dos outros (1988), visto que estava só. Vemos que Heidegger também se afasta de uma perspectiva de clareza da linguagem, sobretudo a da linguagem técnica, que não garante essa ida do sujeito ao objeto, denominando-o plenamente. Heidegger vai falar em *escutar a linguagem* e não utilizá-la como se fosse um código dominável. Essa escuta nos aproxima desse outro visto que para escutar preciso escutar alguém diferente de mim. Aqui, pensamos que a questão da alteridade é de suma importância e é outro ponto de contato com o Círculo para quem a alteridade é fundante, pois sem ela, desmorona a dimensão do intersubjetivo, do dialógico, das lutas entre as forças centrípetas e centrífugas, da carnavalização, da polifonia, das tensões entre os discursos citantes e citados, conceitos chaves para os teóricos russos.

O filósofo alemão questiona a relação entre sujeito e objeto da tradição epistemológica ocidental; aquele no domínio deste, e coloca o homem como *dasein*, ou seja, o homem no mundo, arrojado, jogado no mundo e no impreciso, não destacado totalmente dele, podendo submetê-lo. Critica tanto o idealismo racionalista que destaca o sujeito cognoscente racional em relação ao objeto que pode ser dominado quanto o humanismo materialismo em que as condições materiais de existência imediatas determinam a consciência do homem. Aí o processo é externo, ou seja, as condições concretas da existência determinam o homem, mas este, mediante um processo de tomada de consciência dessa materialidade, deve-as alterar para criar outra realidade social. Estamos também no domínio, em última instância desse sujeito chamado a dominar as coisas. Aqui há uma contradição, pois se o

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

sujeito é dado nessas condições externas, como ele pode se assenhorar delas, dominando-as e alterando-as? Tanto em um pensamento quanto no outro, há a crença em uma intervenção humana que deve alterar o real para dominá-lo e dele usufruir. Já em Heidegger, esse anseio por intervenção e domínio é bastante rejeitado uma vez que o pensador alemão se volta para uma crítica sobretudo da técnica moderna que se concretiza com o fito do domínio e alteração do meio natural. O homem deveria desvelar as coisas mediante um processo de familiarização e não de domínio. Vincula o pensar, a linguagem e o fazer em uma *Poiesis*. Trata-se, portanto, de um pensamento e de uma linguagem que reivindicam o descentramento da subjetividade e a problematização de seus poderes de objetivação representacional, revelando um outro caminho para o homem, menos violento e dominador, ou seja, aponta uma outra escolha ética.

Outra dimensão da linguagem a ser criticada em Heidegger é a sua vida cotidiana em que ocorrem as relações superficiais e que não dão conta de um pensar e um dizer sobre as relações mais profundas entre os homens e os homens e as coisas. Devemos nos retirar quando possível desse falatório social que se constitui de modo superficial, mecânico, informacional, muito colado ao imediato. A linguagem reflexiva deve ser uma experiência de meditação com a linguagem (2011) e isso é um processo lento, moroso, não mecanicista e que requer serenidade, longe do burburinho cotidiano. Para Heidegger, tão pouco a linguagem é um sistema de signos que se relacionam entre si por oposição e semelhança e que se impõe ao indivíduo falante, sendo exterior às coisas e ao sujeito. Para ele, a linguagem é "a morada do ser", ou seja, ele vincula a linguagem ao pensamento e ao ser da coisa e não é possível haver uma definição precisa das coisas a partir dessa linguagem. Falar é pensar e não só um agir sobre as coisas, como ocorre com a linguagem técnica. A linguagem é pensamento também (2011), não é só um fazer. Uma das perguntas capitais de Heidegger é a pergunta pelo ser das coisas. Ele afirma que em nosso pensamento ocidental, nos esquecemos do ser, permanecendo no reino das coisas, do ôntico. O anseio de domínio, de definição, de alteração técnica do mundo, levou-nos a manipular as coisas a partir de pensamento, métodos e técnicas que desvelam as coisas de um modo monológico para delas se apropriar. Isso levou a um esquecimento do ser que na realidade, por se desvelar e velar simultaneamente, não pode ser totalmente dominado. Na sociedade contemporânea a Heidegger, isso se exacerba, sendo o domínio da técnica, do ôntico. Por isso que o ser não aparece e vários são os pensadores que destacam a morte do sujeito e o reino das coisas. Exemplo disso é o pensamento de Foucault (2002), que assevera a morte do homem, lembrando Heidegger quando

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

atesta que o homem está em vias de desaparecer visto que se tornou um objeto dado só no transcendental empírico, ou seja, como corpo, como trabalhador e como submetido a uma linguagem à qual deve se submeter. Aqui vemos uma diferença capital entre Heidegger e o Círculo, sobretudo Bakhtin quando este e o Círculo asseveram a importância da *ideologia do cotidiano* em que as múltiplas falas e posições axiológicas ocorrem no concreto da existência humana. O pensador russo destaca a importância dessa esfera social menos afeita à camisa de força do ordenamento das forças centrípetas como ocorre com as ideologias já constituídas e mais petrificadas. Todavia, para Bakhtin, a ideologia do cotidiano não se circunscreve ao contexto imediato somente, mas carrega valores de longa duração de uma dada episteme. Essa dimensão é importante para o Círculo que, no momento em que escrevem, estão circunscritos a ideologias oficiais stalinistas que censuram, ordenam e proíbem a circulação de vozes sociais não condizentes com o regime. Bakhtin e o Círculo, ao destacarem a ideologia do cotidiano, aproveitam para problematizar as relações entre infraestrutura e superestrutura, criticando a tradição economicista stalinista que enfatiza a determinabilidade econômica dos fatos superestruturais. Como resolvem esta questão? Enfocam a importância da ideologia do cotidiano, ou seja, o uso real da língua em situações de comunicação e embate social, fazendo a ponte entre as reais condições materiais de existência, ou seja, o campo econômico e a representação discursiva desse campo, sendo avaliado e discursado pelos que estão nele inseridos. Essa comunicação atrelada à existência material, ao econômico, é dada nessas condições reais, mas delas também se afasta visto que a linguagem não descreve as coisas tal qual são, mas percebe as coisas a partir de uma perspectiva sempre axiológica vinculada a posições políticas e éticas dos falantes. Essa massa discursiva se nutre também das ideologias constituídas e sobre essas também exerce influência. A ideologia do cotidiano, assim, é de fundamental importância para o Círculo. Contesta diretamente toda a tradição marxista mais atrelada ao economicismo, ou seja, à determinabilidade da infraestrutura sobre o terreno simbólico e o faz a partir de uma dimensão da linguagem. Heidegger ataca o falar do cotidiano em outra dimensão, no que tange mormente ao meramente informacional. Essa visão heideggeriana é bem relevante para a nossa época em que sobretudo na Ágora Virtual das redes sociais, o sujeito fala sem parar, sem profundidade, sem reflexão mormente, expressando-se de modo muito rápido, superficial, informacional.

A concepção de *aletheia*, ou seja, da apresentação em um velar e desvelar das coisas, leva necessariamente a uma perspectiva de alteridade, ou seja, há um outro que me é irreduzível. No entanto, entro

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

em coexistência com esse outro à medida que o vejo diferente de mim e a mim irreduzível. Essa concepção obviamente passa pela questão da linguagem, vendo-a como integrada nessa percepção do outro enquanto outro. Daí que a linguagem não é um sistema lógico-formal de signos que se dão em um sistema exterior ao sujeito e do qual o sujeito se apossa para falar e dizer as coisas de modo claro e preciso. Também não é um idioleto com o qual imponho o meu dizer ao mundo, sendo fonte exclusiva do sujeito em uma posição relativista. Essa concepção heideggeriana do outro traz implicações de caráter ético, pois permite pensar a possibilidade de um *fundamental acolhimento do outro como outro*. Tenho que estar aberto à linguagem que não é minha, mas do outro, tenho que escutá-la e escutar o outro para falar com ele e não sobre ele. A linguagem está em mim e no outro; ela me antecede. Devo escutá-la para ter uma experiência com a linguagem. Aí temos uma ontologia fundamental do ser, da linguagem e do outro. O acolhimento do outro possibilita uma apropriação do dizer e da escuta que me antecede e que, por sua vez, torna possível uma ética para o outro com quem coexisti no mundo. A linguagem é uma ponte entre mim e o outro. Bakhtin e o Círculo destacam a via de mão dupla do signo verbal ideológico: "Na realidade, todo signo ideológico vivo, como Jano, tem duas faces" (1986, p. 46), ou seja, pertence a dois sujeitos discursivos, sendo a enunciação sempre bivocal, familiarizando-me com o outro.

Para Heidegger, só é possível estar em casa no mundo moderno técnico-científico por meio de um pensamento e de uma linguagem reflexivos que compreendam que nosso pensamento calculador e nossa linguagem mais familiar, cotidiana e imediatamente compreensível, a linguagem da prestação de contas, já não fazem senão consolidar esse mundo em que falta o ser, os sujeitos, transformados em objetos (2004). Apenas um outro pensamento e uma outra linguagem poderiam nos situar a respeito de nossa contemporânea ausência de pensamento e linguagem. Dessa maneira, o homem não apenas "tem" linguagem e mundo, como se afirmam nas definições antropológicas tradicionais, mas "se constitui" no mundo e "na" linguagem. Nessa perspectiva também podemos aproximá-lo de Bakhtin que advoga a centralidade da linguagem como constituinte dos seres sociais. Para o Círculo, a linguagem significa no encontro e desencontro entre seres que falam entre si. Também não se percebe a linguagem como um código ao qual devo me submeter e assimilar de modo passivo para me comunicar. Os sujeitos são sempre ativos ao se comunicarem.

Para o pensador alemão, essa postura calculadora e manipuladora afasta-nos de uma escuta do outro, pois também não sabemos nos relacionar com o outro, preservando a distância na proximidade, isto é,

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

não nos ocultamos na proximidade para deixar que o outro exista e se mostre. Para preservar a alteridade é necessário que deixemos o outro se apresentar, desvelando-se e ocultando-se. Nesse sentido, essa aproximação e essa distância simultâneas se conectam com a perspectiva dialógica em que há encontro e desencontro com o outro. Nenhum dos polos pode ser anulado, mas existem em interação. Para Heidegger o que importa é aproximar-se, sem deixar de perceber que o outro é outro. O mesmo ocorre em Bakhtin e o Círculo. A aproximação deve aproximar o distante enquanto distante; ao aproximar o distante mantendo a distância, o próximo se aproxima ocultando-se, para assim permanecer como o mais próximo. Exotopia e identificação ocorrem ao mesmo tempo, garantindo a alteridade.

Considerações finais

Baseados na reflexão feita, consideramos que é possível levantar certos pontos em comum entre os pensadores em tela, especialmente no que tange à linguagem, ao sujeito, ao objeto na tradição epistemológica ocidental. Quanto à linguagem, percebemos que é de capital importância para ambos os pensadores uma vez que é no âmbito da linguagem reflexiva, não técnica, que Heidegger vislumbra uma possível saída para o esquecimento do ser e do predomínio da técnica moderna que transforma tudo e todos em recurso disponível. Também para Bakhtin e o Círculo, a linguagem, em sua acepção dialógica e plural, parece ser o meio de se emancipar de práticas autoritárias e monológicas predominantes em nossa tradição. Como referido, essa investigação está em constante processo de reflexão e não de conclusão haja vista a complexidade que aqui se mobiliza visto que estamos a tratar de intérpretes muito conceituados de nossa tradição epistemológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et. al. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

DUARTE, A. Heidegger e o outro: a questão da alteridade. *Ser e Tempo. Natureza humana*, v. 4, n. 1, pp. 157-185, 2002.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FANINI, Angela Maria Rubel. Mikhail Bakhtin e o círculo e Martin Heidegger: possíveis aproximações sobre a perspectiva da linguagem, do sujeito e da episteme ocidental. *Revista Intercâmbio*, v. XXXII: 17-27, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

HEIDEGGER, M. *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____. *Ensaio e conferências*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *A caminho da linguagem*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.